

MATOS, Odilon Nogueira. Acordando para a realidade. Correio Popular, Campinas, 20 maio 1977.

Acordando para ²⁰ a realidade ⁵ ₇₇

Odilon Nogueira de MATOS

O plano da "Campiniana", que expus em artigo anterior, talvez fosse mesmo ambicioso em artigo anterior, talvez fosse mesmo ambicioso demais. Reconheço-o hoje. Mas fomos levado a ele, movidos por um entusiasmo decorrente da prodigalidade de verbas que estava sendo destinadas a outros setores, através de realizações menos duradouras, que passariam, por certo, após as comemorações da efeméride, mas que, naquele momento interessavam mais ao poder municipal, pelo seu maior alcance popular. Faltou-nos um pouco do senso prático para compreender que uma única competição esportiva, de preço equivalente ao de todo o nosso programa de publicações, implicava numa promoção muito maior para o governo, que a ela não poderia, pois, ficar insensível. Mas, também, daí a não se fazer nada, era o que não podíamos esperar. Daí a frustração de todos e o desânimo de muitos, especialmente quando vimos que um livro não programado, que nem sequer fora submetido à Comissão, foi o único a ser publicado com o rótulo e a chancela do bicentenário. Poder-se-á alegar que se tratava de uma co-edição com importante editora de São Paulo. Correto. Nada teríamos contra e certamente teríamos dado a aprovação, ainda que em detrimento do trabalho que vínhamos realizando. Mas o que chocou a Comissão foi ter conhecimento dessa publicação, quando já estava à venda nas livrarias!

A idéia da coleção campineira me foi sugerida por duas iniciativas anteriores, das quais, direta ou indiretamente, havia participado: a de Petrópolis, por ocasião do centenário da bela cidade fluminense, em 1943; e o de São Paulo, por ocasião do quarto centenário, em 1954. A Prefeitura de Petrópolis, com seis anos de antecedência (!) instituiu a "Comissão do Centenário", com o objetivo de organizar e publicar um volume por ano, até a data centenária. E fez até mais, pois em vez de seis, foram publicados sete volumes. Tive a honra de colaborar, a convite do saudoso Alcindo Sodré, presidente e alma da Comissão, com um modestíssimo trabalho: a tradução do importante estudo sobre Petrópolis, que, anos antes, o eminente geógrafo Ph. Arbos publicara numa revista de Grénoble. Monografia pioneira de geografia urbana no Brasil, poucos a conheciam em nosso país. Alcindo Sodré, que fora um dos informantes do geógrafo francês, ficou entusiasmado ao saber que eu havia traduzido e dispôs-se, de pronto, a incluí-la num dos volumes da coleção "Centenária de Petrópolis".

Para a comemoração paulistana, preparei um livro — "A evolução urbana de São Paulo" — de parceria com os preclaros amigos e colegas Raul de Andrada e Silva e Pasquale Petrone, mas que não chegou a ser publicado pela Comissão Oficial do Quarto Centenário. Saiu pela Companhia Editora Nacional, como o volume segundo da grande obra "A Cidade de São Paulo", planejada e realizada pela seção regional paulista da Associação dos Geógrafos Brasileiros, sob a direção e coordenação do Professor Aroldo de Azevedo.

Mas, tanto o exemplo petropolitano, como o paulistano, limitaram-se ao caráter comemorativo da efeméride, centenária num caso, quadricentenária noutro. Não, pretenderam mais. A própria "Biblioteca Histórica Paulista", lançada pela Livraria Martins Editora, sob os auspícios da Comissão Oficial, não foi além das dez obras sugeridas por Afonso de Taunay, quando poderia ter-se transformado na "Paulistânia", que está fazendo tanta falta. Enfim, são problemas de economia interna da editora, que não me cabe discutir. Apenas lamentar, como lamento que a "Biblioteca Histórica Brasileira", da mesma editora não tenha tido prosseguimento. O governo estadual adquiriu, para distribuição a bibliotecas e entidades culturais boa parte das reedições que recentemente foram feitas dessa importante coleção, enquanto que outras estão sendo reeditadas, fac-similarmente, pela Editora Itatiaia, de Belo Horizonte, em convênio com a Universidade de São Paulo, na bela coleção "Reconquista do Brasil", de que já saíram cerca de quarenta volumes e da qual me ocuparei em outra oportunidade.

Voltemos à nossa "Campiniana". Confesso que se tivesse que retomar o assunto, modificaria o plano que então apresentei. Em que pese o respeito que me inspira o grande educador João Lourenço Rodrigues (aliás, meu patrono na Academia Campinense) ficou em dúvida se valeria a pena a reedição de todos os seus escritos, uma vez que muitos referem-se a temas bem particulares de nossa história religiosa e eclesial. Da mesma forma, não reeditaria todo o livro de Leopoldo Amaral, mas selecionaria algumas de suas crônicas, às quais acrescentaria, isto sim, aquelas páginas nunca publicadas em livro. Em vez dessas reedições, sinceramente preferiria reeditar o belo estudo de Teodoro de Souza Campos Júnior sobre o povoamento de Campinas, publicado na "Monografia Histórica" editada pelo IBGE, mas de acesso difícil aos de hoje, pois, tiragem pequena, esgotou-se logo. Da mesma forma, os volumes destinados aos trabalhos sobre Campinas apresentados ao I Congresso de História de São Paulo, precisariam ser modificados e reduzidos. Talvez um só bastasse (fora, naturalmente, o que contivesse a excelente monografia de Mário Neme), pois vários desses trabalhos foram devolvidos aos autores, dada a impossibilidade de publicá-los na ocasião, e muitos desses autores talvez tivessem dificuldade em localizá-los.

O problema de reeditar, à primeira vista, parece fácil, mas implica numa seríssima tarefa de seleção, em que se há de por muito critério. Estou conhecendo melhor o problema agora que tenho sido chamado a colaborar com algumas importantes editoras em tarefa similar. É importante ver aquilo que efetivamente tem interesse permanente, sem se deixar levar por critérios menos objetivos, emocionais ou simplesmente de amizade e simpatia. E o assunto se torna mais complexo ainda quando se trata de páginas esparsas em jornais e revistas. Retornarei ao tema.